

## PROPOSTA PARA O INCENTIVO DE AUTOMOTIVAÇÃO DO ALUNO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Rosamaria R. PEREIRA  
Universidade Federal do Pará  
Maria Clara Vianna S. e MATOS  
Universidade Federal do Pará

**RESUMO:** Para o aluno, estudar uma língua estrangeira (LE) significa inserir-se em um processo longo, de resultados não imediatos; lidar com aspectos culturais muitas vezes diferentes dos seus; somar novos valores a sua identidade e, ainda, administrar várias questões relacionadas a sua auto-estima (LAMBERT; GARDNER, 1997; BURDEN, 2000; GARDNER, 2001; TAIPA; FITA, 2003; PILETTI, 2009). Diante desse cenário, entende-se a motivação como sendo um fator crucial no sucesso da aprendizagem de uma LE (USHIODA, 1996; DÖRNYEI, 2000; BROWN, 2003). A partir desse consenso, encontramos vários caminhos traçados por pesquisadores para que o professor possa lidar com esse fenômeno de forma prática e cada vez mais eficiente na sala de aula. Um caminho possível, defendido por USHIODA (1996), é o professor incentivar os alunos a se automotivarem e a saberem como sustentar esse comportamento. Para a referida autora, essa abordagem é coerente com a adoção do processo de autonomização (SCHARLE; SZABÓ, 2000), uma vez que o resultado esperado são alunos que se motivam autonomamente também. Apoiando-nos nesses achados teóricos, nosso trabalho tem como objetivo esclarecer o ponto de vista da autora acerca de como lidar com a motivação na aprendizagem de LE e a partir de suas considerações, apresentar propostas viáveis para a sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** automotivação; língua estrangeira; ensino-aprendizagem

**ABSTRACT:** *For the student, to study a foreign language (FL) means to insert him/herself in a long process, of non immediate results; deal with cultural aspects many times different from theirs; add new values to his/her identity and, still, administrate many issues related to their self-esteem (LAMBERT; GARDNER, 1997; BURDEN, 2000; GARDNER, 2001; TAIPA; FITA, 2003; PILETTI, 2009). Facing this scenario, motivation is believed to be a crucial factor in succeeding when learning a FL (USHIODA, 1996; DÖRNYEI, 2000; BROWN, 2003). In respect to this, there are multiple paths traced by researchers for the teacher to deal with this phenomenon in a practical way and be increasingly efficient in the classroom. A possible path, defended by USHIODA (1996), is the teacher to encourage the students to be self-motivated and know how to sustain this behavior. According to Ushioda (1996), this approach is consistent with the adoption of the empowerment process (SCHARLE; SZABÓ, 2000), so that the expected result are students who motivate themselves autonomously, too. Relying on these theoretical findings, our presentation has the objective to clarify the point of view of the author about how to deal with motivation in learning a FL and taking into consideration her thoughts, present viable proposals for the classroom.*

**KEYWORDS:** *self-motivation; foreign language; teaching-learning*

## Introdução

Ema Ushioda (1996) trabalha com ensino de línguas desde 1982. São temas recorrentes de suas pesquisas: autonomia e motivação. Sua pesquisa para o Doutorado foi sobre motivação na aprendizagem de língua estrangeira. No seu currículo consta a direção de programas de Mestrado e Doutorado e participação no desenvolvimento e avaliação da versão irlandesa do *Council of Europe's European Language Portfolio*. Ema Ushioda é irlandesa, com mais de 90% de certeza de ter sido a primeira de origem japonesa a nascer no país. Sua família imigrou para a Irlanda para que o pai, um acadêmico, pudesse ter mais oportunidades de estudo e trabalho.

Para os estudos de motivação, nas palavras da apresentadora do IATEFL (*International Association of Teachers of English as a Foreign Language*)<sup>1</sup> em abril de 2010, o trabalho de Ema é considerado como uma brisa de ar fresco. A própria autora, nessa apresentação, diz que sua perspectiva de estudar motivação é vista como um estudo alternativo, já que predominam em seus trabalhos a metodologia qualitativa, em uma área de estudo na qual os questionários triunfam juntamente com a medição de esforços e o foco em objetivos, todos acenando para a dominância de métodos quantitativos de pesquisa.

## Estudos de motivação

Nas fases dos estudos de motivação de acordo com Dörnyei (2000), a autora se situa no período de estudos cognitivistas, da década de 1990, inspirados em contextos da sala de aula de língua estrangeira. Fala-se de um período de renascença das pesquisas de motivação (GARDNER; TREMBLAY, 1994 *apud* BENSON; NUNAN, 2005) no qual se explora diferentes dimensões da motivação importados do campo da psicologia e da educação agora direcionados aos acontecimentos da sala de aula. Isso acontece mediante o pressuposto de que neste ambiente, o curso, o professor e o grupo de aprendentes têm influência sobre a motivação na aprendizagem muito maior do que já se supôs anteriormente e examina-se como se dão essas relações.

Embora haja revisitação aos estudos de motivação anteriores e uma maior comunicação entre pesquisas, inserir-se nesta fase de estudos continua significando defender que a motivação é do indivíduo; que é controlável por ele. Sendo assim, dá-se ênfase para conhecer o seu pensamento, as suas crenças e os motivos para as suas opções. Entende-se a motivação como um processo e não um produto (o que inspirará a fase seguinte de estudos de acordo com Dörnyei, (2000). Situar-se nesse período de estudo da motivação e entender suas características, faz-se importante para compreender o ponto de vista de Ushioda (1996) para a motivação na aprendizagem de LE.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://iatefl.britishcouncil.org/2010/sessions/2010-04-10/plenary-session-ema-ushioda-audio-starts-after-0415>>. Acesso em: 20 set. 2011.

## **Como Ushioda (1996) compreende a motivação na aprendizagem de LE**

Para Ushioda (1996), quando se defende a autonomização do aprendente com o acompanhamento do professor neste processo, nada mais coerente do que se investir na sua automotivação de forma semelhante. São as justificativas para tal: (1) a motivação sendo algo interno, do indivíduo, ninguém melhor do que o próprio aprendente para zelar por ela; (2) as similitudes entre a autonomia e a motivação: tal qual a autonomia, a motivação está em contínuo processo de mutação e precisa ser nutrida e monitorada para que se estabilize e surta efeito na superação de obstáculos que impedem o progresso na aprendizagem; tal qual a autonomia, a motivação favorece também um envolvimento maior do aluno com o seu processo de aprender e o instiga a agir para favorecê-lo cada vez mais; (3) a interdependência entre a autonomia e a motivação: quando se investe na autonomia, o resultado que se obtém são aprendentes que podem também exercitar sua capacidade de se motivar. Assim posto, a motivação na aprendizagem de LE não deve ocupar um segundo plano. Diante desse cenário, qual seria a importância do professor no processo motivacional do aprendente? Respondendo, ele reside na possibilidade de ele ajudar seus alunos a se automotivarem e a sustentarem sua motivação.

### **Proposta de Ema Ushioda para o professor auxiliar o aluno a encontrar sua própria motivação**

Como fazer isso? Para a referida autora a motivação não é algo que os professores podem fazer pelos aprendentes ou dar-lhes por meio de variadas estratégias motivacionais. Assim, ao invés de truques e estratégias, ela propõe caminhos para orientar professores em como ajudar o aprendente a encontrar sua própria motivação e a aprender a protegê-la.

Lembrando que Ushioda (1996) adota uma abordagem qualitativa para o estudo de motivação, são caros às suas sugestões no que se refere ao entendimento do pensamento motivacional do aprendente e da sua motivação intrínseca.

A tarefa de se entender o pensamento motivacional do aprendente se justifica uma vez que permite tratar de suas experiências de aprendizagem, que ao longo do tempo, influenciam a maneira como modela seu envolvimento e sua própria motivação. Então, se o professor está interessado em otimizar e sustentar esses aspectos, uma das pautas de sua agenda é ajudar o aprendente a implementar pensamento motivacional eficiente.

Segundo Ushioda (1996), a maioria dos aprendentes já chega à sala motivada, mas isso não significa continuarem nesse estado para sempre, devido à constante flutuação da motivação que tende a interferir na estabilidade das circunstâncias interpretadas por cada um como vital para a sua aprendizagem acontecer em um dado momento. Cabe então ao professor orientá-los para saber proteger a própria motivação, evitando desfavorecer o processo de aprendizagem quando há um desequilíbrio nas circunstâncias que antes pareciam suficientes para sustentar sua motivação para aprender.

No caso do aprendente chegar à sala de aula sem dominar a capacidade de se automotivar - número pouco expressivo, segundo Ushioda (1996) – o trabalho do professor é o de orientá-lo para que se torne capaz de fazê-lo.

Na prática, para os dois casos, Ushioda (1996) sugere ao professor os seguintes caminhos: ancorando-se na teoria da atribuição de *Weiner* (apud WILLIAMS; BURDEN, 1999), valorizar o pensamento motivacional do aprendente ao: a) tomar conhecimento de como os alunos processam os resultados das atividades, quais são seus objetivos de motivação e como se autopercebem; b) investigar como os alunos percebem seu atual estágio de aprendizagem e como estão situados diante de seus objetivos de longo e curto prazo, dimensões necessárias para que se possa estimular o pensamento de que o que se está aprendendo tem a ver com o momento presente e não só com um momento futuro, c) investigar se a motivação cultivada é a mais apropriada para beneficiar sua aprendizagem.

Assim, salvaguardando as diferenças individuais e valorizando os variados padrões de pensamento motivacional, é possível entender melhor quais fatores afetam o engajamento do aluno no momento presente e direcionar esforços para interromper o fluxo de possíveis círculos viciosos instalados em sua mente prejudicando a aprendizagem.

### **Consequências esperadas desses processos**

Ancorando-se no argumento de que automotivação não pode depender de estímulos externos, principalmente porque, se a experiência de aprendizagem não gerar recompensas internas, não haverá como sustentar motivação autonomamente: incrementar a motivação intrínseca do aprendente incentivando o uso da língua que se está aprendendo ao: estimular que todos se comuniquem por meio da LE na própria sala de aula, nos trabalhos em grupos e em encontros no corredor; a) oportunizar a participação dos alunos em seminários, conferências em LE, como também ajudá-los a associar essa aprendizagem a seus interesses pessoais significativos fora da sala de aula, como aqueles ligados aos seus passatempos, à descoberta de novos prazeres estéticos e sonoros, tais quais apreciar diversos tipos de arte em LE ou simplesmente se deparar com palavras estudadas que lhe dão prazer de ouvir; b) incentivar a celebração de pequenas e grandes conquistas reconhecidas por um aprendente que se auto-avalia constantemente.

Com essas medidas, espera-se ajudar o aprendente a identificar na LE um campo de exploração também de seus prazeres para que continuem buscando essas oportunidades, pois servem para recompensar subjetivamente o esforço por aprender, como também são propícias para engajar mais naturalmente o aluno no processo de sustentar sua própria motivação.

Segundo a autora, quanto mais se recorrer ao uso da língua, mais o aprendente poderá monitorar seu progresso e poderá se motivar para melhorar seu desempenho. A interferência do professor nesse sentido significa facilitar essa descoberta a fim de que ele

perceba nessa prática uma atitude capaz de sustentar o seu envolvimento com a sua própria aprendizagem. São sugestões de Ushioda (1996) para se incentivar o uso da LE.

### **O professor pode ajudar o aluno a encontrar e a proteger a sua motivação intrínseca**

Outras formas mencionadas pela autora para se alcançar esse compromisso por parte do aluno, é o professor: a) esclarecer quais são os critérios e habilidades exigidos nas atividades de modo que percebam não só o esforço que será exigido, mas também o progresso que se vai alcançando. Dessa forma, possibilita-se a avaliação das capacidades atuais e objetivos concretos dos alunos como também os incentiva a gerenciar o processo por si só; b) continuar estimulando a adesão do aluno no processo de autonomização, no qual, de acordo com o que afirmam Scharle e Szabó (2000), ele é encorajado a compreender melhor o seu processo de aprendizagem para que, mediante novas perspectivas para abordá-lo e convencido do que pode ser melhor para incrementá-lo, possa considerar a adoção de novas atitudes.

### **Considerações finais**

Com essa proposta de trabalho, Ushioda (1996) aponta caminhos para gerar e proteger a motivação na aprendizagem de LE. A sua agenda de trabalho pra o professor coloca o aluno diante de importantes dimensões relacionadas ao estudo de LE envolvidas no processo motivacional, tais como, fazê-lo perceber sua competência, saber se consegue ser bem sucedido, ou se seu empenho está na medida certa e se efetivamente está havendo progresso. Assim, aprender a lidar com sua motivação está na ordem do dia.

### **Referências**

BENSON, P.; NUNAN, D. **Learners' stories**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 22-41.

BURDEN, P. R. **Powerful classroom management strategies**. Thousand Oaks, California: Corwin Press, 2000.

BROWN, J.D. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy**. 2. ed. Englewoods Cliffs: Prentice Hall Regents, 2003.

DÖRNYEI, Z. Motivation in action: towards a process-oriented conceptualization of student motivation. **British Journal of Educational Psychology**, v.70, p. 519-538, 2000.

GARDNER, R. Integrative motivation and second language acquisition. In: DÖRNYEI, Z.; SCHMIDT, R. **Motivation and second language acquisition**. Honolulu: University of Hawaii Press, 2001, p. 1-20.

PILETTI, N. **Psicologia educacional**. São Paulo: Ática, 2009.

SCHARLE, Á.; SZABÓ, A. **Learner autonomy**: a guide to developing learner responsibility. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

TAIPA, J.; FITA, E. **A motivação em sala de aula**. São Paulo: Loyola, 2003.

USHIODA, E. **Learner autonomy**: the role of motivation. Dublin: Authentik, 1996.

WILLIAMS, M; BURDEN, R. L. **Psychology for language teachers**: a social constructivist approach. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.